

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

**A LEITURA COMO UMA FERRAMENTA DE INCENTIVO À PRODUÇÃO
TEXTUAL EM SALA DE AULA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE PARINTINS/AM**

**PARINTINS-AM
2017**

CARLA PAULAIN CAMPOS

**A LEITURA COMO UMA FERRAMENTA DE INCENTIVO À PRODUÇÃO
TEXTUAL EM SALA DE AULA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE PARINTINS/AM**

Monografia apresentada à banca examinadora como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado (a) em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas, no Centro de Estudos Superiores de Parintins.

Orientador: Prof. Msc. Delma Pacheco Sicsú

**PARINTINS-AM
2017**

CARLA PAULAIN CAMPOS

**A LEITURA COMO UMA FERRAMENTA DE INCENTIVO À PRODUÇÃO
TEXTUAL EM SALA DE AULA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE PARINTINS/AM**

Monografia apresentada à banca examinadora como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado (a) em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas, no Centro de Estudos Superiores de Parintins.

BANCA EXAMINADORA:

Orientador: Delma Pacheco Sicsú
(presidente)

Franklin Roosevelt Martins de Castro (membro)

Luis Alberto Mendes de Carvalho (membro)

Aprovado em: ____/____/____

DEDICATÓRIA

À Deus que é meu sustentáculo em todas as situações. À meus pais, minhas irmãs e meu sobrinho que são minha fortaleza aqui nessa terra. À meu querido namorado Daniel Sicsú que é um anjo enviado por Deus pra cuidar de mim

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que sempre foi meu alicerce e me deu sabedoria e paciência para elaborar esse trabalho e chegar a esse resultado final.

Agradeço à minha família que sempre me apoiou e incentivou a buscar novos conhecimentos. De maneira especial a meu pai Marinaldo, minha mãe Elen e minha irmã Milca, que em todos os momentos estavam ao meu lado, orando e pedindo a Deus que me guardasse.

Agradeço imensamente ao meu namorado Daniel Sicsú, que ao longo dessa trajetória na universidade nunca me deixou desistir dos meus sonhos. Apoiou-me incondicionalmente e me ajudou a superar muitos obstáculos.

Agradeço de forma especial à minha orientadora Delma Sicsú que me ajudou na construção desse trabalho e nunca hesitou em me ajudar diante das minhas dúvidas, agradeço pela paciência e compreensão que teve comigo.

Agradeço a toda equipe da escola de campo que me recebeu de braços abertos e permitiu realizar esta pesquisa. Em especial aos queridos alunos, que foram imprescindíveis para este trabalho.

Agradeço a todos os meus professores do CESP pelos conhecimentos repassados a mim e me possibilitaram chegar a esta fase final do curso.

Agradeço também às minhas queridas colegas de curso, Érica Freitas e Jakeline Gonzaga, que ao longo desses quatro anos sempre estiveram do meu lado enfrentando tudo juntas e me forneceram apoio.

*A leitura traz ao homem plenitude, o discurso
segurança e a escrita precisão.*

FRANCIS BACON

RESUMO

Este trabalho se propõe analisar como a leitura influenciou na produção de textos de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola em Parintins. Dentro desta pesquisa é feita a observação e análise do comportamento dos alunos em sala de aula e de suas produções diante da aplicação das oficinas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência (PIBID) com o subprojeto: Oficinas de produção textual, no curso de Letras do Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) . É uma pesquisa de campo de natureza qualitativa, abordagem dialética e procedimento monográfico. Utilizou-se questionários e observação das atividades para chegar a conclusão da importância da leitura para a produção textual. Os resultados obtidos através das técnicas aplicadas indicam que a leitura é uma boa ferramenta de incentivo para a escrita desses alunos. A pesquisa permitiu apresentar a relevância do subprojeto de oficinas de produção textual de Letras do PIBID dentro da escola campo de pesquisa. Os resultados alcançados sugerem a continuidade da análise dos dados, bem como aplicação da pesquisa para outros cursos e outras escolas.

Palavras-chave: Leitura, produção textual, PIBID.

ABSTRACT

This work intends to analyze how the reading influenced the growth of the texts production of students of the 9th grade of elementary school of a school in Parintins. Within this research is made the observation and analysis of the behavior of the students in the classroom and of their productions before the application of the workshops of textual production of PIBID of Letters, active in the school. It is a field research of qualitative nature, dialectical approach and monographic procedure. Questionnaires and observation of activities were used to arrive at the conclusion of the importance of reading for textual production. The results obtained through the applied techniques indicate that reading is a good incentive tool for the writing of these students. The research allowed to present the relevance of PIBID's Letters project within the school field of research. The results obtained suggest the continuity of data analysis as well as the application of the research to other courses and other schools.

Key words: Reading, textual production, PIBID.

Lista de tabelas

Tabela 1: Você tem o hábito de ler e escrever fora do ambiente escolar?	37
Tabela 2: Seus pais ou responsáveis lhe incentivam a ler ou escrever em casa?	37
Tabela 3: Seus pais ou responsáveis lhe incentivam a ler ou escrever em casa?	38
Tabela 4: Antes do desenvolvimento na escola, você sabia o que era o PIBID?	45
Tabela 5: Você acha importante esse trabalho em conjunto entre universidade e escola? Por quê?	45
Tabela 6: Você acha que o PIBID de Língua Portuguesa é importante? Por quê?	46
Tabela 7: Em sua opinião, quais os benefícios que o projeto do PIBID trouxe pra você?	46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO	14
1.0 O TEXTO NA SALA DE AULA: DA LEITURA À PRODUÇÃO.....	14
1.1 A INTERVENÇÃO NO ENSINO E APRENDIZAGEM DA PRODUÇÃO DE TEXTOS POR MEIO DE PROJETOS	19
1.2 OS GÊNEROS TEXTUAIS: A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA PRODUÇÃO DOS GÊNEROS TEXTUAIS NA ESCOLA.....	25
CAPÍTULO II: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	29
CAPÍTULO III: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....	33
3.0 O TEXTO EM SALA DE AULA	33
3.1 A LEITURA NA SALA DE AULA.....	37
3.2 DA LEITURA À PRODUÇÃO DE TEXTO	41
3.3 A INTERFERÊNCIA DO PIBID NA PRODUÇÃO TEXTUAL DOS ALUNOS DO 9º ANO	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	53

INTRODUÇÃO

A educação é a principal ferramenta encontrada para quem almeja um futuro promissor em diversas áreas, como ter bons empregos, boa visibilidade social, financeira e, principalmente para quem deseja ter bons conhecimentos acerca de tudo. A leitura e a escrita, nesse caso, são os caminhos para uma boa educação, já que é a partir delas que o ser humano tem a oportunidade de aprimorar suas capacidades cognitivas e utilizá-las para a construção de novos conhecimentos. Juntas, leitura e escrita podem levar o homem a um estágio muito avançado de sabedoria, basta saber fazer o uso correto de ambas e pôr em prática, seja no ambiente escolar, familiar ou social.

Desse modo, esta pesquisa abordou de uma forma específica como a leitura influenciou no crescimento da produção de textos dos alunos através do PIBID, com o objetivo de analisar como a leitura influenciou na produção de textual de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola de Parintins através da realização de oficinas de produção textual do PIBID. Com o título, *A leitura como uma ferramenta de incentivo à produção em sala de aula em uma escola pública de Parintins*, o trabalho foi feito a partir do projeto de oficinas de produção textual do PIBID, e surgiu de uma inquietação para analisar a influência que o projeto trouxe para vida escolar desses jovens através das práticas de leitura e escrita, e assim ver quais os resultados positivos foram encontrados durante todo o período de pesquisa e observação.

Diante das muitas problemáticas encontradas no meio da educação, uma das principais dificuldades está relacionada à escrita dos alunos. Entende-se que isto pode ser melhorado, e a leitura ajuda diretamente para essa melhoria, visto que as duas juntas são objetos de estudo dentro e fora da sala de aula. Portanto, buscou-se dados que pudessem ajudar a entender quais os motivos que influenciam para tais dificuldades, para a partir disso intervir e buscar a melhoria. Dentro deste trabalho expõe-se a importância de praticar o hábito a leitura para produzir bons textos e também mostra o quanto importante é ter projetos de incentivo à leitura e escrita dentro da escola.

O TCC está estruturado em tópicos, tendo no primeiro capítulo o referencial teórico, depois os procedimentos metodológicos e por último a análise dos dados coletados.

O primeiro capítulo vem trazer o embasamento teórico utilizado para tratar das questões a serem analisadas. Primeiramente é feita uma abordagem sobre o tema da leitura, trazendo conceitos e percepções acerca desse assunto que é de extrema

importância para a pesquisa. Ainda falando em leitura, mostram-se os tipos de leitura apontados por Maria Helena Martins (2006). Foram abordados também quais são os benefícios que a leitura traz ao ser humano e qual é o papel da escola, do professor e da família em relação ao incentivo à leitura para as crianças.

Outro ponto a ser abordado no referencial teórico é a intervenção por meio de projetos no ensino e aprendizagem da produção de textos. Neste tópico é falado de como os projetos ocorrem, quais as suas funções e dentro das escolas como eles são trabalhados. Faz-se também uma abordagem de qual o papel do professor e do aluno dentro de um projeto. Nesse mesmo tópico fala-se do PIBID, da definição do que é esse programa, quais os seus objetivos, a quem ele é destinado e como ele atua dentro das escolas e da sociedade em geral. E por fim fala-se também da importância do projeto do PIBID para a formação e prática docente dos futuros professores e da relação em sala de aula entre bolsista e aluno.

O último tópico do referencial teórico é intitulado: Os gêneros textuais: a importância da leitura e da produção dos gêneros textuais na escola. Neste tópico faz-se uma abordagem sobre a conceituação de gênero textual e suas funcionalidades. Também fala-se das maneiras de como trabalhar os gêneros na sala de aula e de como eles são utilizados no PIBID.

Depois do referencial teórico apresentam-se os procedimentos metodológicos trabalhados na pesquisa, buscando sempre conceituar e mostrar como eles são aplicados nas pesquisas. Tais procedimentos são: Natureza da pesquisa; método de procedimento; abordagem; tipo de pesquisa; campo de pesquisa; técnicas e sujeitos.

O último capítulo é a apresentação da análise de dados que está dividida em quatro tópicos. Dentro desses tópicos são apresentadas as etapas da pesquisa, como foram desenvolvidas e quais os seus resultados.

Antes de começar abordar os tópicos, faz-se uma breve introdução à análise de dados. O primeiro tópico deste último capítulo é denominado como: 'O texto na sala de aula'. Nesse ponto é feita uma breve conceituação sobre texto e como ele é trabalhado em sala de aula dentro da disciplina de Língua Portuguesa, quais são os métodos e técnicas que a professora responsável pelas turmas utilizava em sala de aula, e também como o subprojeto de oficinas de produção textual do PIBID trabalhava com os textos em suas oficinas.

O segundo tópico da análise de dados é denominado: 'A leitura na sala de aula'. Aqui faz-se uma contextualização sobre leitura e em seguida apresenta algumas

perguntas colocadas nos questionários aplicados aos alunos, e partir das tabelas com as perguntas foram feitas as análises das respostas. Também nesse tópico é enfatizado como eram aplicadas as oficinas do subprojeto do curso de Letras para incentivar a leitura dos alunos.

No terceiro tópico chamado de: 'Da leitura à produção de texto', é feita uma introdução e contextualização do assunto, apresenta-se também alguns embasamentos teóricos sobre o tema e fala-se de como a professora responsável pela turma junto com os bolsistas do PIBID interviram na leitura e no incentivo da escrita desses alunos. Explica-se ainda como ocorriam as atividades do projeto dentro de sala de aula, usando imagem e produção dos alunos para ilustrar.

Já no quarto último tópico da análise de dados nomeado de: 'A interferência do PIBID na produção textual dos alunos do 9º ano', fala-se sobre como o projeto foi recebido na escola e como foi desenvolvido. Apresenta as análises feitas nas produções textuais dos alunos, e os questionários por meio de tabelas. Por fim, analisa-se as mudanças ocorridas nos processos de leitura e escrita dos alunos ao longo da aplicação das oficinas do projeto de produção textual do PIBID.

Assim, esta pesquisa abordou de uma maneira geral a importância que a leitura tem para uma boa escrita, explicitando aqui também a importância de trabalhar com o incentivo dentro e fora da escola e a contribuição do PIBID para os alunos da escola campo de pesquisa. Nesse sentido, a relevância deste trabalho está em mostrar os resultados positivos que o projeto de oficinas de produção textual do PIBID trouxe para os alunos e para a sociedade em geral, já que esses resultados afetam positivamente a vida desses alunos dentro e fora do ambiente escolar, além de aproximar universidade e escola.

CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO

1.0 O TEXTO NA SALA DE AULA: DA LEITURA À PRODUÇÃO

A leitura é uma ferramenta usada pelos seres humanos para interpretar informações. Vai muito além de saber decodificar os signos linguísticos, requer atenção e foco, pois possibilita desenvolver o raciocínio, senso crítico, estimula a criatividade, desenvolve o repertório e o vocabulário, e acima de tudo, facilita a escrita.

De acordo com Koch (2006),

A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo (p. 11).

Neste sentido, a leitura trabalha não somente com a decodificação das palavras, mas também interage com outros sentidos existentes, por isso é necessário buscar conhecimentos preestabelecidos para uma melhor compreensão do texto.

Indo ao encontro das colocações de Koch, Maria Helena Martins no seu livro *O que é leitura* faz questionamentos acerca da leitura. A autora questiona se realmente o ato de ler está preso somente a texto escrito, ou se outras interpretações e concepções podem ser consideradas também como leitura (MARTINS, 2006).

Para Rangel (2009, p.18), “ler assim como escrever, então, são atos de comunicação verbal, caracterizados pela relação cooperativa entre o emissor e o receptor, pela transmissão de intenções e conteúdos e por apresentarem uma forma adequada à sua função”. Então, para o leitor entender o que está lendo é preciso que haja um conhecimento prévio do se trata o texto. É importante que o tipo de leitura que o aluno tem acesso faça parte de seu cotidiano, pois isso facilitará na compreensão da ideia transmitida pelo emissor.

Já para Rossafa (2012, p.4), “a leitura está associada ao aprendizado, por meio dela é possível adquirir conhecimentos. É uma forma de o indivíduo estar em contato com o mundo, ter acesso a outro tipo de leitura de mundo”. Entende-se que a leitura é usada como ferramenta de aprendizagem e que através dela é possível abrir novos horizontes de conhecimentos. O aluno não fica limitado a conhecer somente aquilo que

lhe é mostrado, mas tem a capacidade de poder pesquisar e descobrir por si mesmo outras coisas, ter posicionamento e olhar diferenciado sobre tudo que o cerca.

Como dito anteriormente, a leitura não está presa somente no ato de decodificação de palavras, mas vai muito além disso. Ela entra na questão de compreensão e percepção de mundo e na capacidade de entendimento a partir das informações contidas no texto.

Sobre a questão da decodificação, os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) de língua portuguesa também falam sobre esse assunto. De acordo com que se coloca nos PCN um leitor compreender seu texto há a necessidade de conhecimento sobre o assunto tratado para ficar mais fácil fazer esclarecimentos acerca de questões encontradas, não ficando preso somente à ideia do autor. E para colaborar com isso, Oliveira (et al 2009, p.4), afirma que “O professor não deve determinar o que ler, mas oportunizar ao aluno contato com diversidade de materiais de leitura (jornais, revistas, livros..., respeitando-se o nível de aprendizagem de cada um)”. O aluno tem que ter a liberdade para escolher o texto que pretende ler, pois, ele vai escolher aquele que lhe chama mais atenção e qual pertence à sua realidade. Dessa forma o aluno vai se sentir mais livre e muito mais à vontade de praticar sua leitura.

Ainda de acordo com os PCN (1998), cabe à escola o papel de formação de leitores, tendo em vista que é ele quem possui a responsabilidade de dar suporte para que o aluno tenha incentivo e torne-se um leitor pleno, com todas as capacidades acima postas. Nisso, cabe a escola a busca do desenvolvimento das competências leitoras em seus usuários através do ato de leitura.

Além da influência na escola, o hábito da leitura tem que ser despertado primeiramente em casa. Desde muito pequenos somos influenciados pelas ações de nossos pais ou de qualquer pessoa do nosso convívio. Sendo assim, se uma criança vê frequentemente um familiar praticando o exercício da leitura, logo essa criança também terá vontade de ler e isso se tornará habitual.

Maria Helena Martins (2006) compreende que existem três níveis de leitura, que são: leitura sensorial, leitura emocional e leitura racional. Dente esses níveis podemos colocar a leitura sensorial como a primeira que todo ser humano pratica, pois está relacionada com os cinco sentidos do corpo: visão, audição, olfato, paladar e tato. A autora ainda afirma que este tipo de leitura nos acompanha desde pequenos até nossa vida adulta. Então quando um bebê recém-nascido entra em contato pele a pele com sua mãe, ele já está praticando um tipo de leitura. Com o passar dos dias ele vai se

acostumar e reconhecer sua mãe pelo cheiro. Assim também como uma pessoa com deficiência visual. Ela pode fazer a leitura de um objeto por meio do tato, ou então por meio da audição ao ouvir uma música ou um barulho qualquer. Daí pode-se mencionar também como exemplo a contação de histórias para crianças e canções de ninar para os bebês.

Sabino (2008), afirma que:

A família é a primeira estrutura social em que a criança se desenvolve. É no seio da família que a criança inicia a sua socialização. São os pais e os familiares as primeiras pessoas que se preocupam com a saúde, a aprendizagem dos primeiros passos, a aprendizagem das primeiras palavras, a inculcação de sentido para os seus actos. É aos pais que compete a primeira estratégia para despertar o gosto da criança pela leitura (p.4).

Como dito anteriormente, a leitura pode e deve ser despertada desde muito cedo, e isso cabe aos pais e familiares. A criança que cresce em um ambiente de leitores tem grandes chances de se tornar leitora também, podendo assim instigar suas capacidades como: interpretação de textos, oralidade e produção de textos.

Martins afirma que a partir da leitura sensorial podemos decidir nossos gostos, sem a interferência da racionalização. Portanto, aquilo que agrada nosso tato, olfato, paladar, visão ou audição, é esse nosso gosto verdadeiro, sem precisar de justificativas. Então é aí que passamos a nos conhecer.

Quanto a leitura emocional, Martins (2006) afirma que,

Na leitura emocional emerge a empatia, tendência de sentir o que se sentiria caso estivéssemos na situação e circunstâncias experimentadas por outro, isto é, na pele de outra pessoa, ou mesmo de um animal, de um objeto, de uma personagem de ficção. Caracteriza-se, pois, um processo de participação afetiva numa realidade alheia, fora de nós (p.51-52)

A leitura emocional envolve o leitor de uma forma que o mesmo não consegue se esquivar da envoltura direta com ela. As crianças têm maior facilidade e espontaneidade de se deixar levar pelos sentimentos, por isso se identificam com personagens de histórias, contos de fadas e etc. Já os adultos, geralmente, são mais fechados a esse tipo de leitura e então têm maior dificuldade em aceitar expressar emoção a algumas leituras.

Esse nível de leitura trabalha com emoções e sentimentos do ser humano, podendo despertar raiva, tristeza, alegria, angústia, medo, compaixão entre outras reações. Esse efeito catártico causado nos leitores faz com que eles sintam sentimentos diversos em relação a personagens fictícios ou não de uma história, ou uma novela por

exemplo. Dessa forma o leitor entrega-se ao universo da leitura, podendo se fechar nesse mundo fictício ou até mesmo tornar isso como um meio de fugir da sua realidade, usando a leitura como uma válvula de escape de seu mundo real, que pode não ser tão agradável quanto o ficcional.

Por trabalhar com subjetivismo, de certa forma, a leitura emocional é vista como inferior à leitura racional, por exemplo. Já que a leitura racional é praticada quando o leitor já atinge um status de leitor letrado, que é quando a pessoa não apenas decodifica, mas interpreta e dá sentido ao que lê. Segundo Maria Helena Martins (2006) quando chega-se a esse patamar é porque o indivíduo passou a fazer leitura racional. Essa leitura ocorre quando o leitor deixa de fazer apenas a decodificação das palavras e passa a ser um criador de conhecimentos.

Para alcançar um status de leitor que consiga interpretar e produzir sentidos ao que lê, é necessário, como afirma Maria Helena Martins (2006), ter treinamento. Segundo ela, o sujeito só consegue alcançar o alto nível interpretativo de textos se fizer como um atleta, constantes exercícios, para aprimorar suas capacidades. Esses exercícios podem ser a leitura de um simples gibi a um romance consagrado, tendo em vista que do material lido o leitor pode absorver novas palavras para o vocabulário, novas formas de construir sentenças, dentre outras coisas.

Oliveira et al (2009, p.20,21), asseguram que, “Ler, acima de tudo, significa refletir, pensar, comentar, estar a favor ou contra, trocar opiniões, posicionar-se e, sobretudo, é estar em contato com o texto e encontrar nele significados”. A leitura, então passa a ser um instrumento para que possamos nos relacionar com a sociedade e o mundo, de forma que nos possibilite debater e nos impor da melhor maneira, tendo em vista que a leitura racional nos dá a capacidade de pensar e refletir acerca de tudo no mundo. Para que isso aconteça, temos que ter a prática da mesma, e saber raciocinar, pensar e refletir de forma coerente tudo aquilo que lemos, tornando-nos assim leitores capacitados e habilitados a analisar qualquer assunto proposto.

O domínio das capacidades de leitura e escrita possibilita ascensão social, porque quem as domina tem maiores possibilidades de conseguir um bom emprego, tendo em vista que o mercado de trabalho está cada vez mais exigente e necessita de pessoas qualificadas para ocuparem as vagas disponíveis.

Uma coisa que está relacionada diretamente à leitura é a escrita porque para um autor produzir seu texto sempre há a necessidade de inspirar-se em outros autores e isso se dá através da leitura. Assim também acontece no contexto escolar, o aluno antes de

começar sua produção textual sempre busca fazer leitura de outros textos para espelhar-se e ter uma base para a construção de sua produção.

A partir da produção dos autores, os alunos podem tirar características para produzir o seu estilo próprio, tendo em vista que com a junção de diversos conceitos, ideias e palavras utilizadas pelos escritores o indivíduo vai construir seu vocabulário. De acordo com os PCN a produção escrita dos alunos pode ser feita e incentivada através de categorias didáticas. Dentre essas categorias estão: transcrição, reprodução, decalque e autoria. Por meio dessas categorias é que o aluno vai poder colocar na prática o que foi absorvido durante a leitura dos textos.

Em sala de aula há certa dificuldade na escrita dos alunos, pois muitos possuem essa dificuldade em passar para o papel suas ideias pela falta da prática de leitura no seu dia-a-dia. Esse fato pode ou não ocorrer por fatores sociais, econômicos, e culturais tendo em vista que o hábito da leitura não é comum e não é incentivado na grande maioria das famílias.

Os PCN afirmam que:

Para os alunos que provêm de comunidades com pouco ou nenhum acesso a materiais de leitura, ou que oferecem poucas possibilidades de participação em atos de leitura e escrita junto a adultos experientes, a escola poderá ser a única referência para a construção de um modelo de leitor e escritor (p.66).

Outra vez a escola e o professor se tornam as únicas vias de acesso para esses alunos menos favorecidos poderem estar conectados ao mundo do conhecimento e do aprendizado, já que suas condições financeiras e sociais não permitem que eles tenham essa aproximação a esse modelo de vida baseada em leituras e práticas de produções de textos.

Além da leitura, outro fator que colabora para uma boa produção de texto é a interpretação de textos. Através dela é possível ter uma boa compreensão daquilo que está sendo falado, e conseqüentemente isso refletirá na escrita. A escrita tem que ser desenvolvida e praticada com frequência para que ao longo do tempo o aluno vá exercitando e concertando seus erros e aprendendo com eles. Dessa forma, a prática irá funcionar como um exercício.

Valmórbida (et al 2013) falam que:

Tem-se o entendimento de que a escrita de um texto não é algo simples, especialmente nos tempos de hoje em que se predomina a tecnologia, e o acesso as mais variadas fontes é viável a boa parte das pessoas. Assim, percebe-se o quão importante é ter o hábito da leitura, pois quem lê mais, naturalmente desenvolve um vocabulário mais amplo e rebuscado (p. 219).

A escrita nos tempos atuais assim como a leitura, tem disputado espaço com as novas tecnologias na vida dos jovens. Com o acesso à nova era digital fica cada vez mais difícil o contato desses jovens com as práticas de leitura escrita, fazendo assim que eles tenham bastante dificuldades na hora de fazer tais atividades. É aí que os professores percebem a deficiência na produção escrita dos alunos, ou até mesmo em simples atividades de leituras que são propostas em sala de aula. Quando colocados para fazer essas atividades, os alunos se sentem confusos e surgem muitas dúvidas, tais como: pontuação, coerência e coesão, e estruturação do texto.

Nota-se que a ausência de hábitos de leitura causa muitos problemas para os jovens de hoje em dia e o que preocupa mais é que sabemos que esses problemas já existem há muito tempo. É possível ver que a grande maioria dos adultos de hoje também sente as mesmas dificuldades para escrever que os nossos jovens sentem. Eles são reflexos de uma sociedade que em sua maioria não dá o devido valor e investimentos para uma boa educação. Há poucos investimentos destinados à educação, há poucos projetos de incentivo de leitura e escrita nas escolas, há pouca participação da família no incentivo a essas práticas.

É preciso que tenhamos consciência de que hoje os nossos estudantes precisam de incentivos para encontrar o caminho do conhecimento. Cada um deve fazer a sua parte. A família por mais humilde que seja deve sempre incentivar seus filhos a estudarem, e a escola juntamente com os professores deve abrir oportunidades para que o aluno se sinta à vontade para praticar essas habilidades e, principalmente, a escola tem que criar espaços próprios para essas práticas. É interessante que essas instituições escolares não fechem as portas para projetos educacionais ofertados pelas universidades ou até por outras instituições para atuarem com seus alunos. Os estudantes veem como algo diferente e gostam de participar de coisas inovadoras, para isso o PIBID pode ser um estímulo para nossos jovens aderirem às práticas de leitura e escrita nas escolas. Lembrando que a leitura anda lado a lado com a escrita e, atrás de um bom escritor sempre há boas leituras.

1.1 A INTERVENÇÃO NO ENSINO E APRENDIZAGEM DA PRODUÇÃO DE TEXTOS POR MEIO DE PROJETOS

Para obter-se uma educação de qualidade é preciso que família e escola sempre estejam dispostas a acompanhar os alunos. A família, como dito anteriormente deve buscar incentivar as crianças às práticas frequentes de leitura e escrita, independente da situação econômica. Já a escola deve abrir portas para novas formas de ensino, como a inserção de projetos, sejam eles produzidos pelos próprios professores do educandário ou por instituições governamentais ou não.

Segundo Oliveira (et al, 2014)

Os projetos apontam para o futuro, abre-se para o novo através de ações projetadas são construções humanas que têm como ponto de partida intenções de transformar uma situação problemática, tornando-a desejada por meio da realização de ações planejadas. Em suma, não podemos pensar que as ideias decorrentes de 'projetos' nasceram na esfera escolar. Eles estão presentes em diferentes momentos e esferas de atividade da vida social. (p.66)

Ao trabalhar com projetos, tem-se a perspectiva de mudança em algo que está carente ou deficiente diante de um determinado grupo social. A intenção é trabalhar gradualmente para melhorar a realidade em questão. Podemos nos deparar com projetos nos mais variados lugares de uma sociedade, ao contrário da ideia de vincular projetos somente no âmbito escolar. Uma sociedade é constituída por diferentes grupos sociais e dentro desses grupos existem diversas instituições e associações, dependendo do estilo de vida que seguem. Por exemplo, dentro de uma grande empresa de marketing, pessoas trabalham com projetos com intuito de comercializar seus produtos, então sugerem melhorias em determinada área a curto ou longo prazo. Outro exemplo é dentro de uma comunidade carente onde existem ONG's (Organizações Não Governamentais) que criam e implantam projetos para tirar crianças e adolescentes do mundo das drogas ou para evitar que isso aconteça. Geralmente essas crianças são incentivadas a praticar esportes e a desenvolver talentos artísticos, como tocar instrumentos, fazer pinturas e esculturas, cantar, dançar, etc.

Os projetos dentro das escolas servem como uma ferramenta para corrigir e melhorar a aprendizagem dos alunos de uma forma diferenciada, para que os mesmos sejam atraídos para trabalhar em conjunto com os professores e todos os envolvidos. Assim, esses alunos sentem-se inspirados a mudar a realidade que não pertence somente

a eles e sim a todo um grupo que se dedica a melhorar a educação. Para os PCN`s (1998), a característica principal de um projeto é que ele objetiva sempre a melhora no ensino dos alunos, fazendo com que os mesmos trabalhem em função da sua própria educação e assim façam um trabalho conjunto com os professores e todos os envolvidos; depois disso sempre há a divulgação para mostrar os resultados do projeto, seja dentro do ambiente escolar ou fora dele. Além de trabalhar com o incentivo dos alunos para trabalhar em equipe e em prol do seu próprio bem, os projetos dentro do ambiente escolar melhoram significativamente a postura desses alunos em sociedade, pois os mesmos são incentivados e acabam pegando gosto em trabalhar em equipes e assim já estão de alguma forma sendo preparados para se encaixar no mercado de trabalho e a conviver melhor em sociedade.

Dentro da escola quando se trabalha com projetos é necessário que cada um exerça seu papel para que as coisas fluam e deem certo. Todos os membros da equipe executam suas missões a fim do bem comum. Sampaio (2012), em sua monografia intitulada como “A importância de trabalhar com projetos no ensino fundamental”, fala que o projeto parte de um planejamento e que se decide como vão ser desenvolvidos, quais os objetivos a serem alcançados, quais recursos serão utilizados, quem são os alvos e quem exercerá cada função. O professor, por exemplo, vai mediar, instruir e auxiliar os alunos em suas tarefas, mas também é ele que vai passar segurança e confiança para esses alunos de que o projeto vai dar certo, ensinando-os a serem determinados e esforçados para aprimorarem seu desenvolvimentos na escola. Os alunos, por sua vez, terão o papel fundamental de se dedicar a desenvolver as atividades da melhor maneira possível e a escola entra dando suporte para que o projeto seja desenvolvido, primeiro abrindo espaço para que seja permitido essas ações, segundo, fornecendo espaço e material necessário para a execução dos projetos e por fim incentivando e mostrando a importância de se trabalhar com projetos na escola.

Nessa perspectiva de que a escola deve abrir espaço para as ações de projetos é que entra a parceria entre escola e comunidade, vinculando o ambiente escolar com outras instituições, como universidades, por exemplo. Existem projetos implantados por órgãos governamentais que têm parcerias com as universidades públicas e desenvolvem-se também em escolas públicas, principalmente nos cursos de licenciatura, como é o caso do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência PIBID.

O PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) é uma iniciativa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES

que entra em parceria com as universidades em todo o país para desenvolver projetos que visam trabalhar com discentes dos cursos de licenciaturas. O programa visa preparar os alunos de licenciaturas durante o período de estágio para o exercício da docência nas escolas públicas. Esse estágio é remunerado e intui antecipar a formação de vínculos e a sala de aula, que futuramente será o ambiente de trabalho do professor da educação básica.

Além de incentivar a prática docente nos alunos de graduação/futuros professores, o PIBID vem a ser uma atividade que agrega as secretarias estaduais e municipais com as universidades públicas. Por meio do programa, busca-se a melhoria do ensino das escolas públicas em que o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) encontre-se abaixo de 4,4 pontos, média nacional. Desse modo, o programa institucional oferece incentivo para alunos dos cursos de Letras, Matemática, Química, Pedagogia, História, Geografia e de outras licenciaturas nos ensinos fundamental e médio.

Como forma de incentivar e fomentar a realização das atividades do PIBID na rede pública de educação é ofertada uma bolsa mensal para os alunos bolsistas, para os coordenadores dos projetos aplicados no programa e para os supervisores dos alunos-bolsistas. Além disso, as próprias universidades oferecem estrutura física para a aplicação de atividades e a CAPES fornece materiais didáticos para a realização de oficinas e aplicação de aulas com os alunos beneficiados das escolas públicas.

Cita-se também aqui que, o PIBID, além de atender universidades públicas, também oferece atividades em institutos de ensino federais que ofereçam cursos regulares de graduação em licenciaturas. Todos os projetos executados no programa atendem às exigências do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes) que avalia periodicamente os cursos de graduação em todo o território nacional.

Além de toda a regulamentação existente através do Ministério da Educação (MEC) e suas instituições subordinadas, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência atende ao que rege a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

Em seu Capítulo IV, Artigo 43 e parágrafo VIII, a LDB afirma que o ensino superior deve “atuar em favor da universalização e do aprimoramento da educação básica, mediante a formação e a capacitação de profissionais, a realização de pesquisas pedagógicas e o desenvolvimento de atividades de extensão que aproximem os dois

níveis escolares”. Baseado nessa perspectiva, é correto afirmar que o PIBID atende ao que exige a lei, em vista de que além de formar novos docentes, atua no aperfeiçoamento da educação básica com a realização de diversas atividades nas áreas do conhecimento em que o programa atende as instituições de ensino públicas.

Montandon (2012) fala de como o PIBID atua nas escolas buscando a aproximação entre futuros professores e alunos, visando solucionar as carências encontradas no âmbito escolar, mas não esquecendo também de adquirir técnicas e métodos de ensino através do professor supervisor, levando em consideração a experiência em sala de aula. Montandon ainda fala que o objetivo do programa é inovar o ensino nas escolas públicas por meio de práticas pedagógicas que incentivem os alunos a estudar e assim contribuam para a melhoria na educação.

Nos cursos de licenciatura, existe a disciplina de estágio, que segundo Scalabrin e Molinari (2013, p.2) “[...] é uma prática de aprendizado por meio do exercício de funções referentes à profissão que será exercida no futuro e que adiciona conhecimentos práticos aos teóricos aprendidos nos cursos”. Entende-se então que o estágio serve para desenvolver habilidades, competências e saberes além dos adquiridos no ambiente acadêmico, tanto na teoria quanto na prática. E o professor não se limita a ser somente um transmissor de conhecimento e sim um proporcionador de construção de conhecimentos e que também aprende com seus alunos à medida que trocam experiências. Apesar dessa experiência proporcionada pelo período do estágio, o tempo é curto e os acadêmicos estagiários não conseguem acompanhar na íntegra o cotidiano de professores, alunos e demais funcionários das escolas.

É aí que entra o PIBID como uma maneira de aproximar os futuros educadores da sala de aula e dos alunos, possibilitando mais tempo de prática docente na escola. Canan (2012, p.12) diz que “essa primeira experiência propiciada pelo PIBID mostra aos acadêmicos o quão complexa e desafiadora é a profissão docente”. Quando o graduando entra em contato com a sala de aula e seus alunos, é possível saber se realmente é aquela profissão que deseja seguir, pois os desafios de educar são muitos e requer dedicação e compromisso com o ensino.

Além de aproximar acadêmicos e alunos, o PIBID proporciona a ambos buscar a melhora no ensino e aprendizagem, através de novas técnicas que busquem incentivar os alunos da Educação Básica a aprenderem cada vez mais e mais, e assim tornando o ambiente escolar muito mais produtivo e agradável para aqueles que o frequentam, e

levando o futuro professor a conhecer e se adequar ao contexto do aluno, pois essa realidade é refletida nas atitudes dos estudantes dentro da escola.

De acordo com os PCN,

A formação de professores se coloca, portanto, como necessária para que a efetiva transformação do ensino se realize. Isso implica revisão e atualização dos currículos oferecidos na formação inicial do professor e a implementação de programas de formação continuada que cumpram não apenas a função de suprir as deficiências da formação inicial, mas que se constituam em espaços privilegiados de investigação didática, orientada para a produção de novos materiais, para a análise e reflexão sobre a prática docente, para transposição didática dos resultados de pesquisas realizadas na linguística e na educação em geral. (p.67)

A prática docente deve sempre ser aperfeiçoada sempre, não somente para que o professor seja o sujeito que vai inovar na sua didática e assim colaborar para um melhor ensino, mas também para que juntos, professor e aluno sejam pesquisadores e busquem juntos fazer com que o ensino dentro do ambiente escolar seja mais prazeroso e proveitoso. Daí se dar a importância do incentivo das universidades de aproximar alunos de licenciaturas com o ambiente escolar, para vivenciar experiências e logo se familiarizar com os desafios que o educador enfrenta em seu ambiente de trabalho.

O exercício da docência vai muito além de apenas ir para a sala de aula, fazer chamada e aplicar os conteúdos que são disponibilizados no calendário letivo escolar. Segundo Canan (2012), o professor tem que levar em consideração a realidade e o contexto dos alunos, pois esses aspectos implicam nos comportamentos tidos em sala de aula. Então, o educador tem que buscar ser reflexivo e enxergar além do âmbito escolar, para melhor conduzir suas aulas e entender as atitudes de seus alunos, melhorando assim suas técnicas e aprimorando as práticas educativas.

Conforme diz os PCN,

Em Língua Portuguesa, levando em conta que o texto, unidade de trabalho, coloca o aluno sempre frente a tarefas globais e complexas, para garantir a apropriação efetiva dos múltiplos aspectos envolvidos, é necessário reintroduzi-los nas práticas de escuta, leitura e produção. (p. 66)

O professor de Língua Portuguesa deve submeter seus alunos a exercícios que estimulem as práticas da leitura e escrita, pois é através dessas práticas que o aluno vai obter mais conhecimento de mundo, abrindo sua mente para aquilo que está acontecendo ao seu redor, capacitando-o a produzir um texto oral ou escrito, expondo sua própria opinião acerca daquilo que está acontecendo. Dessa forma o professor estará estimulando o aluno suas principais competências dentro da disciplina.

Ainda falando sobre a importância do PIBID de Língua Portuguesa em sala de aula, Campos fala que:

É um projeto que coloca em ênfase as teorias aprendidas nas universidades para serem postas nas práticas escolares. É importante ressaltar que essa iniciativa contribui para elevar a qualidade da educação básica. Uma das maiores contribuições dessas ações se dá pelo processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa, uma vez que são feitas oficinas que levam a uma melhor compreensão e reflexão dos conteúdos abordados em sala de aula. Este programa é fundamental e muito contribui para que o ensino de língua portuguesa possa provocar a interação ter o futuro professor, o aluno e as práticas desenvolvidas no contexto escolar. (et al, 2012, p.1697)

Os bolsistas e professores em formação têm a oportunidade através do PIBID, de ajudar na melhoria da Educação Básica no sentido de que eles têm total liberdade de trabalhar nas principais deficiências encontradas nas escolas, através da aplicação de oficinas. Quando se fala de professores de Língua Portuguesa então, as exigências são maiores, por ser uma disciplina fundamental no processo de aprendizagem em geral, por abarcar as competências de leitura, escrita e interpretação. Para os futuros professores dessa matéria, há chances de buscar avanços na educação desses alunos, dando-lhes oportunidades de aprenderem através dos projetos e oficinas a desenvolverem suas capacidades de leitura e escrita.

1.2 OS GÊNEROS TEXTUAIS: A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA PRODUÇÃO DOS GÊNEROS TEXTUAIS NA ESCOLA

Os gêneros textuais são utilizados por nós seres humanos em qualquer lugar que frequentarmos, nas ruas, em casa, em lojas, na feira e na sala de aula, principalmente nas aulas de Língua Portuguesa. Com os gêneros podemos trabalhar leitura, escrita e muitas outras competências dos alunos, seja através das aulas com explanação de conteúdo, ou através de práticas inovadoras de ensino, como por exemplo, por meio de projetos implantados nas escolas. Mas afinal, o que é gênero textual?

Marcuschi (2002), fala que:

Usamos a expressão *gênero textual* como uma noção propositalmente vaga para referir os *textos materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sócio-comunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica.(p.22)

Então, os gêneros textuais são toda forma de comunicação entre os seres humanos que podem ser encontradas concretamente. Eles estão espalhados por todos os

cantos e definidos de diferentes formas e estilos, podendo ser identificados através dos sentidos do corpo, como: tato, visão e audição, abrindo assim, uma infinidade de gêneros. A questão da necessidade de comunicação entre seres humanos e interação com a sociedade fizeram com que os gêneros textuais fossem modificando-se através da evolução de cada sociedade, vindo a atender as necessidades das pessoas conforme seu jeito de viver.

Nesse sentido, Guedes (2009) fala que além de ser vista como instrumento de organização do pensamento e de comunicação, a linguagem cumpre um papel fundamental que é de promover entendimento entre as pessoas, e assim fazer com que haja ligações entre locutores e interlocutores, transmitindo mensagens e conduzindo a sociedade a melhores níveis de comunicação. Cada texto produzido, seja oralmente ou escrito, se encaixa dentro de um gênero, e cada texto desse depende de vários fatores, como por exemplo, de uma dada situação, do lugar onde o sujeito está e para quem esse texto vai ser destinado.

Quando se fala em ensino da língua através dos gêneros, Santos (et al, 2007), fala que nós utilizamos os gêneros em nossa fala ou escrita dependendo da situação vivida, ou seja, a utilização dos mesmos depende do contexto para ser inserido na fala ou escrita. E quanto ao ensino da língua através dos gêneros textuais, baseia-se na língua como interação verbal e que a escrita de cada texto tem uma finalidade particular em cada situação específica. Então, ao escrever algo o indivíduo coloca suas experiências de mundo ali dentro do texto, para assim fazer sentido o que escreve em cada situação e em cada contexto.

Ferreira e Dias (2005, p.326), dizem que “o gênero é usado de acordo com as necessidades e objetivo do autor (locutor). Esta escolha é guiada pelo conjunto de gêneros já existentes e elaborados por gerações anteriores”. Para escrever sobre algo é necessário que haja um conhecimento prévio do assunto. Todos nós trazemos em nossas bagagens de mundo ideias já existentes e colocadas por outras pessoas, e guiadas por essas ideias, construímos outras opiniões em cima dessa. É por isso a importância de boas leituras para produzir bons textos, pois quanto mais se lê, mais se conhece e mais se desenvolve a capacidade de escrever.

Guedes (2009) acrescenta que,

O mundo está antes e depois do texto: ele é condição e finalidade do texto. Levado pelo texto que vai escrevendo, isto é, pela tentativa de esclarecer-se sobre o sentido das expressões-chave — leitura crítica, compreensão crítica —, que diz serem capazes de expressar a leitura que fez do tema que trata, a

memória do autor seleciona os *momentos fundamentais de minha prática* capazes de construir, no texto que está sendo escrito, o contexto em que tomariam sentido para seus leitores aquelas expressões-chave. (2009, p.16-17)

Como dito anteriormente, sempre que uma pessoa se propõe a escrever um texto a partir de um determinado tema, ela é influenciada pelas informações já existentes em sua mente e produz em cima disso um novo texto. A compreensão e leitura de mundo estão relacionadas também com as leituras feitas a livros, revistas e etc. Tudo isso colabora para uma boa escrita e para uma boa leitura também.

Nesse sentido de que a leitura é importante para a produção de texto, Chiappini (2004), diz que a escola tem que desburocratizar a linguagem e sair do modo tradicional de se trabalhar a leitura e a escrita através de cópias, ditados e redações. A autora coloca como alternativa a verbalização oral dos textos, onde o professor deixa de repetir o que está posto nos livros didáticos, para junto com o aluno executar a capacidade crítica através da produção de textos que não se limitam a meras cópias.

Indo ao encontro de Chiappini sobre burocratização do ensino, Geraldi (2004), tece comentários sobre o processo de ensino na concepção tradicional onde ele aponta uma alternativa e usa a sala de aula como um espaço de interação verbal. Como concepção tradicional de ensino, Geraldi (2004, p.20) conceitua como aquela que “[...] centra-se na transmissão de conhecimentos. Isso supõe uma fonte que sabe, o lugar ocupado exclusivamente pelo professor, e um receptáculo deste saber, lugar ocupado exclusivamente pelo aluno”. Essa concepção tradicional de ensino consiste em colocar o professor como o detentor de toda a sabedoria e o aluno apenas como aquele que tem que aprender aquilo que o professor vai passar. Esse pensamento antigo e ultrapassado já foi deixado para trás por muitos professores e escolas, pois hoje em dia busca-se melhor aproveitamento das aulas e nisso inclui a troca de sabedoria entre alunos e professores. A aprendizagem depende do envolvimento de ambas as partes, por isso professores e alunos tornam-se pesquisadores e seres pensantes, com a capacidade crítica e reflexiva numa troca de conhecimentos.

Remetendo-se a ideia de que o texto é constituído através de conhecimentos e experiências vividas pelo aluno, Geraldi (2004) concebe o texto como instrumento de diálogo e sistematização de ideias de uma pessoa que explicita seus conhecimentos e vivências de forma espontânea. Dessa forma, a sala de aula torna-se lugar de circulação e troca de conhecimentos, fortalecendo a autonomia do aluno em relação a pesquisas e buscas de novas informações.

Nas escolas é importante que haja o interesse de promover incentivos aos alunos à práticas de leituras e posteriormente de escrita, e os gêneros textuais estão aí para auxiliar nesse trabalho. Como afirmam Santos (et al, 2007, p.23), “a aprendizagem da escrita não é algo que se dá de modo espontâneo, mas se constrói através de uma intervenção didática sistemática e planejada”. Os professores devem, portanto, buscar mecanismos para despertar o interesse de seus alunos pela escrita. E esse processo deve acontecer desde as séries iniciais, com leituras de livros infantis, pois quando chegarem lá na frente, já tem o desejo despertado pela leitura e isso facilitará no processo de escrita.

Quando se trabalha com crianças e jovens é um desafio ainda maior estimular a hábitos de leitura e escrita, porque em meio a tantas tecnologias, redes sociais e jogos, fica difícil disputar a atenção deles. Uma alternativa boa para isso é usar dessas tecnologias para utilizá-las como ferramentas de incentivo à leitura. Os PCN's dizem que a escola é um espaço de multiplicidade de pensamentos, em que esse aspecto deve ser respeitado e trabalhado. E mais, quem tem o papel fundamental de mediar e estabelecer ações para que os alunos aprendam as diversidades de textos é o professor, fazendo assim que os seus alunos sejam capazes de escrever textos diversos e a partir disso compartilhar com seus colegas as suas experiências.

A importância de se trabalhar os gêneros textuais em sala de aula se dá exatamente a partir da necessidade de comunicação e os gêneros estão totalmente atrelados a isso. O PIBID de Letras dentro das escolas faz com que os jovens tenham mais acesso a essas informações, através das oficinas aplicadas em sala de aula pelos acadêmicos bolsistas, acompanhados e orientados por um professor de Língua Portuguesa, responsável pelas turmas.

As oficinas aplicadas ao longo da semana buscam se basear pelo plano de conteúdo estabelecido pela escola ou pelo professor, e a partir disso começam a planejar as atividades a serem desenvolvidas. Com tudo planejado, as oficinas são passadas aos alunos através de técnicas diversificadas para melhor aproveitamento. Instrumentos como computadores, celulares com acesso à internet, caixas de textos, caixas de sons e projetores de mídia são utilizados para chamar atenção dos estudantes. Com esse material todo é possível trabalhar toda a diversidade de gêneros com os alunos.

Para Santos (et al, 2007, p.41), [...] o trabalho com textos e a exploração da constituição dos gêneros são parceiras inseparáveis para a realização de um trabalho de qualidade [...]. Dentro do contexto escolar deve-se explorar a composição dos gêneros

textuais na produção do texto, como por exemplo, utilizar o cinema, o teatro, a música, e outros gêneros pra constituir um texto. A partir da utilização desses diversos gêneros em sala de aula é possível que os alunos compreendam melhor noção da diversidade de textos que podem produzir e assim fica mais fácil a criação de novos deles.

CAPÍTULO II: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Todo trabalho de pesquisa surge a partir de uma problemática. A partir então da identificação do problema inicia-se o processo de pesquisa, no qual o pesquisador terá como obrigação escolher métodos científicos para embasar e direcionar todo o andamento de seu trabalho.

Segundo Prodanov e Freitas (2013, p.14), “a metodologia é a aplicação de procedimentos e técnicas que devem ser observados para construção do conhecimento, com o propósito de comprovar sua validade nos diversos âmbitos da sociedade”. Para que uma pesquisa se concretize é necessário utilizar procedimentos e técnicas que auxiliam e norteiam o pesquisador a buscar respostas e evidenciar seus resultados obtidos ao longo de seu trajeto.

Sobre método científico, Gil (2008, p.08) afirma que, “pode-se definir método como caminho para se chegar a um determinado fim. E método científico como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento”. O método científico torna-se, instrumento para alcançar e descobrir o que precisa em suas pesquisas, pois somente através de métodos se é possível chegar a um resultado, a uma conclusão.

Assim a natureza da pesquisa deste trabalho é a qualitativa, pois considerando o que Gerhardt e Silveira (2009) apontam, esse tipo não se preocupa com números, mas com a compreensão de determinada situação. Por ser um tipo de pesquisa que não envolve dados concretos, o método qualitativo é muito utilizado pelas disciplinas que abrangem as ciências sociais e humanas. Então foi utilizada a natureza qualitativa neste trabalho por se tratar de uma pesquisa que objetivou analisar como a leitura influenciou no crescimento da produção de textos dos sujeitos da pesquisa, levando em consideração os fatores que implicavam diretamente na produção escrita desses alunos, considerando as práticas ativas ou não de leitura.

Analisar como a leitura influenciou na produção de textual de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental em uma escola de Parintins através da realização de oficinas de produção textual do PIBID

Para Gil (2002)

A análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos de nortearam a investigação. Pode-se, no entanto, definir esse processo como uma seqüência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório (p.133)

A análise qualitativa leva em consideração fatores importantes para pode chegar a um resultado. Esse resultado é atingido quando se analisa uma seqüência de atividades que avaliam o desenvolvimento e o progresso das produções textuais dos alunos. A partir das atividades feitas com esses alunos foi possível coletar dados que possibilitaram a análise na escrita deles, considerando os vários fatores que implicam em suas atividades de leitura e escrita, tanto no ambiente escolar, quanto no ambiente familiar.

Depois da natureza, outro ponto importante para a pesquisa ser realizada é o método de procedimento. Segundo Lakatos (2003, p.105), “por sua vez, os *métodos de procedimento* seriam etapas mais concretas da investigação, com finalidade mais restrita em termos de explicação geral dos fenômenos e menos abstrata”. Então o procedimento vem de forma menos complexa explicitar e concretizar a investigação feita, trazendo assim, resultados explícitos e concretos acerca da pesquisa realizada.

A abordagem feita neste trabalho é a dialética. Segundo Prodanov e Freitas (2013, p.34), esse método é “empregado em pesquisa qualitativa, é um método de interpretação dinâmica e totalizante da realidade, pois considera que os fatos não podem ser relevados fora de um contexto social, político, econômico, etc.”. Para chegar a um resultado final de uma pesquisa de natureza qualitativa como esta, é necessário considerar vários fatores para entender o porquê do resultado. Levando em consideração que o método dialético acredita que na natureza tudo se relaciona. Nesta pesquisa procurou-se entender quais os fatores tanto econômicos quanto sociais que implicaram diretamente na produção escrita dos sujeitos da pesquisa, já que é preciso estudar todos esses aspectos, pois o mundo está sempre em constante mudança.

O procedimento adotado é o monográfico. Segundo afirma Gil (2008, p.36), o método monográfico “parte do princípio de que o estudo de um caso em profundidade

pode ser considerado representativo de muitos outros ou mesmo de todos os casos semelhantes. Esses casos podem ser indivíduos, instituições, grupos, comunidades, etc.". Com o procedimento monográfico foi possível pesquisar sobre um tema específico que abordou questões que podem representar casos semelhantes a esse sobre os sujeitos da pesquisa.

Prodanov e Freitas (2013, p.170) em seu livro vêm falar que, "o estudo monográfico é resultante de investigação científica que se caracteriza pela abordagem de um tema único, específico, com a finalidade de apresentar uma contribuição importante, original e pessoal à ciência". Então cabe ao estudo monográfico contribuir de forma positiva para a comunidade escolar, acadêmica ou social a partir de sua pesquisa e dos resultados nela obtidos, colaborando e possibilitando outras pessoas de terem acesso a essa pesquisa.

Quanto ao tipo de pesquisa, esta análise insere-se no tipo pesquisa de campo. Conforme Saraiva (2007), neste tipo "[...] o objeto/fonte é abordado em seu meio próprio. A coleta de dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente sem intervenções e manuseio por parte do pesquisador" (p. 121). Seguindo o que diz o autor esta pesquisa foi desenvolvida numa escola, a partir da observação e coleta de dados nas salas de aula onde o projeto de produção textual PIBID é realizado, sem nenhuma intervenção para a modificação dos resultados ou do ambiente onde a coleta será feita.

Colaborando com o que diz Saraiva, Lakatos (2003) fala que a pesquisa de campo, consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los. A pesquisa de campo objetiva-se, portanto, na investigação a partir da observação do ambiente em que está o problema da pesquisa, analisando assim, sem interferência do pesquisador os resultados obtidos na investigação.

O campo de pesquisa foi uma escola pública de ensino fundamental da cidade de Parintins. O trabalho foi desenvolvido dentro de sala de aula, ao longo da realização de atividades do projeto de produção textual do PIBID de Língua Portuguesa durante o período de quatro meses, com intuito de descobrir se as oficinas de produção textual do PIBID contribuíram de forma positiva para a escrita desses alunos e quais outros fatores influenciaram de forma positiva ou negativa nessas produções dos estudantes.

Em relação às técnicas o presente projeto foi executado com questionários respondidos pelos alunos, observação do desenvolvimento das atividades do projeto de produção textual do PIBID e os textos produzidos pelos alunos. Através dos resultados obtidos durante as oficinas de produção textual, e dos questionários foi possível perceber quais fatores influenciaram ou deixaram de influenciar na prática da escrita dos alunos.

Finalizando, os sujeitos desta pesquisa foram 105 alunos de três turmas do ensino fundamental de uma escola pública de Parintins, professor de Língua Portuguesa e bolsistas do PIBID.

CAPÍTULO III: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

O objetivo deste capítulo é expor a análise feita sobre a influência da leitura no crescimento da produção textual de alunos do 9º ano através da realização de oficinas de produção textual do PIBID. A pesquisa teve como tema *A leitura como uma ferramenta de incentivo à produção textual em sala de aula em uma escola pública de Parintins*.

A análise foi feita a partir de observação em sala de aula, questionário direcionado aos alunos e aplicação de oficinas de produção textual. A inquietação para a realização desta pesquisa deu-se ao longo da atuação durante três anos no subprojeto de oficinas de produção textual do PIBID em algumas escolas da cidade. É válido ressaltar que se acompanhou as turmas que foram sujeitos de estudo desde o começo desse ano letivo, facilitando a observação e análise dos dados.

Este estudo como apontado acima foi feito com base na observação das atividades desenvolvidas pelo projeto, com ênfase na produção textual em três turmas de 9º ano em uma escola da rede pública de ensino que atende uma demanda de alunos do Ensino Fundamental II, Ensino Médio e EJA. A escola por ser localizada em um bairro periférico recebe alunos também advindos de áreas da periferia.

Para embasar a análise da pesquisa foram utilizados teóricos que abordam temas como: leitura, escrita, projetos e sobre educação em geral. A base da pesquisa está pautada na LDB e nos PCN's, que asseguram os direitos dos alunos à educação.

3.0 O TEXTO NA SALA DE AULA

O texto pode ser encontrado em todo lugar, onde quer que estejamos lá sempre haverá um. Pode ser distribuído em diversas formas, tamanhos e com sentidos diferentes, pois há uma infinidade destes. O ambiente escolar é o lugar onde o texto é mais explorado, é dentro da sala de aula, principalmente nas aulas de Língua Portuguesa que o aluno entende como os textos são constituídos, como são divididos e como podem ser utilizados corretamente no dia a dia.

Geraldi (2004) diz que

o texto (oral ou escrito) é precisamente o lugar das correlações: construído materialmente com palavras (que portam significados), organiza estas palavras em unidades maiores para construir informações cujo sentido/orientação somente é compreensível na unidade global do texto. Este, por seu turno, dialoga com outros textos sem os quais não existiria. Este *continuum* de textos que se relacionam entre si, pelos mesmos temas de que tratam, pelos diferentes pontos de vista que os orientam, pela sua coexistência numa mesma sociedade, constitui nossa herança cultural. (p.22)

O autor vem fazendo uma trajetória de como o texto é constituído, desde o começo até onde ele instrumento de interação. Esse é o sentido básico, usado para transmitir ideias e provocar a comunicação entre os seres. Isso é possível porque a língua é usada para passar o conteúdo do texto. Não só a língua como também a escrita e outras formas. Ainda nesse sentido, Schmidt (apud KOCH, 2007), diz que o texto é:

Qualquer expressão de um conjunto linguístico numa atividade de comunicação – no âmbito de um *jogo de atuação comunicativa* – tematicamente orientado e preenchendo uma função comunicativa reconhecível, ou seja, realizando um potencial ilocucionário reconhecível (p.22).

Em ambos os pensamentos o texto é visto no papel de fazer interação verbal. Nesse sentido, o texto constitui-se em todas as manifestações comunicacionais, sejam elas escritas, faladas ou visualmente, como em uma pintura que o artista expressa seu sentimento, em uma placa de trânsito que traz sempre uma mensagem, ou em uma logo de uma marca de roupas que traz um sentido implícito. Assim, dependendo de quem está lendo o texto e de quem escreveu, os sentidos sempre serão diferentes.

Ainda sobre o texto é importante destacar como ele é trabalhado em sala no decorrer das aulas de Língua Portuguesa. Durante o período de acompanhamento e observação das exposições ministradas pela professora responsável pelas turmas de 9º ano, percebeu-se que ela trabalha os textos nos seus diferentes gêneros, sempre tentando inovar na forma de apresentação. Para isso, utiliza-se nas aulas o próprio livro didático, textos retirados da internet e explanados através do retroprojeto, leitura em resumo de obras literárias e rodas de leituras, sempre seguidas de socialização em sala com os demais alunos.

Além das atividades propostas pelo professor, é aberto o espaço para acadêmicos vindo das universidades poderem participar diretamente do contexto da sala de aula. Isso é possível através da parceria entre escolas e universidades com a realização de projetos que visam a melhoria da educação e ao mesmo tempo aproxima o aluno da graduação da realidade escolar. Um exemplo disso é o Programa Institucional de Bolsas

de Iniciação à Docência (PIBID) que é ofertado para universidades e instituições federais e estaduais que têm os cursos de licenciatura, visando uma aproximação entre futuros professores e alunos, inserindo-os no âmbito escolar para terem acesso a informações relevantes sobre a profissão docente.

Na escola onde esta pesquisa foi feita, o PIBID atende os cursos de Língua Portuguesa e Matemática, onde os professores titulares supervisionam os bolsistas vindos da Universidade Estadual. A tarefa dos bolsistas é acompanhar o professor em sala de aula, auxiliando no desenvolvimento das atividades e aplicando oficinas para desenvolver as habilidades dos estudantes, procurando sempre novos métodos para despertar o interesse nas ações.

Os graduandos de Língua Portuguesa que atuam no referente recinto escolar, têm como subprojeto “Oficina de produção textual” que como o próprio nome já diz tem o intuito de desenvolver a escrita dos alunos. Os bolsistas tem direito a três dias na semana para desenvolver o projeto, sendo que um é dedicado para o planejamento das atividades e os outros dois dias são para a aplicação das oficinas.

Para planejar as atividades do projeto de produção textual é seguido o plano pedagógico da escola, que inclui os gêneros textuais. Dentro do que está estabelecido no plano, contempla-se os textos a serem trabalhados em sala de aula: conto, crônica, poesia, textos dissertativos, etc. Seguindo esse plano pedagógico é solicitado que a cada bimestre o professor utilize filmes em suas aulas e partir disso os pibidianos solicitam aos alunos que desenvolvam vários tipos de textos, como por exemplo, resumos, resenhas e recontos, dando-lhes liberdade para realizar de forma criativa suas produções.

Os diversos tipos de texto são trabalhados sempre de maneira diferente, pois os alunos gostam de inovação na hora da apresentação de novos assuntos. O primeiro dia da oficina do PIBID é para explanação de conteúdo e exposição de modelos para que os alunos possam se basear na hora de produzir, geralmente as atividades são aplicadas nas turmas quando tem dois tempos seguidos de aula. No segundo dia é feito uma breve recapitulação do assunto e em seguida solicitada a produção textual. É exigido que os alunos produzam dentro de sala de aula, para que possam contar com a ajuda dos bolsistas e assim possam tirar qualquer dúvida que tiverem.

Os PCN's asseguram que

No trabalho com os conteúdos previstos nas diferentes práticas, a escola deverá organizar um conjunto de atividades que possibilitem ao aluno

desenvolver o domínio da expressão oral e escrita em situações de uso público da linguagem, levando em conta a situação de produção social e material do texto (lugar social do locutor em relação ao(s); destinatário(s) e seu lugar social; finalidade ou intenção do autor; tempo e lugar material da produção e do suporte) e selecionar, a partir disso, os gêneros adequados para a produção do texto, operando sobre as dimensões pragmática, semântica e gramatical. (p.49)

Além de formar alunos capazes de ler e escrever, a escola tem também o dever de habilitar esses mesmos alunos a serem pensantes, críticos e reflexivos para o convívio em sociedade. Muito além de saber ler textos e escrever o próprio nome, os alunos devem saber que a linguagem serve como uma ferramenta para socializar ideias e pensamentos diversos, dependendo de cada situação. É dentro da sala de aula que o professor busca aprimorar essas competências dos alunos, mostrando-lhes os variados gêneros textuais, sua importância, e quando devem ser usados e como ser usado, lembrando que para cada tipo de receptor da mensagem há uma maneira diferente de se expressar e escrever.

Os gêneros textuais mais trabalhados em sala são: contos, crônicas, notícias, fábulas, peças teatrais e gêneros da tipologia dissertativa, como artigos de opinião. Apesar de serem alunos do Ensino Fundamental, há uma necessidade de apresentar a eles os gêneros dissertativos, pois são os mais cobrados no Ensino Médio, por conta das provas externas e exames avaliativos, como ENEM, SIS e outros.

Sempre os textos que mais chamam a atenção dos alunos são os da tipologia narrativa, seja escrita ou fílmica. Quando passado algum filme aos estudantes tem-se o cuidado para ver o conteúdo, o público e quais as mensagens podem ser retiradas da narrativa. Quando se trata de literatura, ao término da exibição da obra faz-se uma socialização de ideias entre professor e aluno para compreender do que a obra trata e quais as temáticas que podem ser retiradas dali. A partir disso os educandos produzem seus textos.

Uma estratégia utilizada pela professora e bolsistas é trabalhar com os temas universais, como violência, amor, família, etc, para construir com os alunos textos argumentativos, expondo suas ideias acerca dos assuntos propostos. Para isso é usado um esquema para a produção textual, que passa por algumas etapas, mas facilita a escrita. Consiste em primeiramente estabelecer o tema central; em seguida fazer a delimitação desse tema, trazendo mais próximo possível da realidade para melhor desenvolvimento; depois da delimitação é hora de estabelecer o objetivo para o texto; depois desse esqueleto montado é hora de partir para a introdução, desenvolvimento e

conclusão, sempre seguindo o objetivo estabelecido anteriormente e atentando para a coesão e coerência textual.

Outra estratégia importante usada em sala para trabalhar o texto é mostrando o quão diversos eles são. Através do auxílio de livros, computadores e celulares são feitas as leituras e circulação entre eles. É importante ressaltar o uso das TIC's (Tecnologias de Informação e Comunicação) dentro do ambiente escolar, pois aproxima o professor do mundo digital do aluno e ainda estimula o envolvimento dos mesmos nas aulas.

3.1 A LEITURA NA SALA DE AULA

A leitura sempre esteve e ainda hoje está muito ligada ao ato da escrita, pois é através dela que se baseiam os novos textos a serem escritos, tanto da leitura de livros e outros suportes, como da leitura de mundo. Além do mais, a prática e o exercício do ato de ler trabalham os benefícios em muitos aspectos do ser humano.

Como aponta Rojo (2009)

Ler envolve diversos procedimentos e capacidades (perceptuais, motoras, cognitivas, afetivas, sociais, discursivas, linguísticas), todas dependentes da situação e das finalidades de leitura, algumas delas denominadas, em algumas teorias de leitura, *estratégias* (cognitivas, metacognitivas) (p.75).

São vários os benefícios que a leitura traz ao ser humano. Um dos mais importantes está ligado a questão na influência na escrita. Ao escrever sempre um texto, o escritor sempre é baseado em leituras já feitas, sejam elas leituras de livros impressos ou a leitura de mundo, que pode ser feita através da escuta de uma notícia no rádio, de uma placa de outdoor na rua ou mesmo do simples fato de presenciar um acontecimento na rua ou em casa. Todas essas coisas possibilitam ao ser humano refletir e tirar conclusão a partir dos fatos presenciados. Sempre quando produz um texto, o autor busca informações na sua mente para construir suas ideias, por isso a importância de conhecer e dominar o assunto a ser desenvolvido.

Dentro da pesquisa desenvolvida na escola com os alunos do 9º ano, buscou-se perceber como a leitura é presente na vida desses estudantes, seja na escola ou dentro do ambiente familiar. Para coletar esses dados foi aplicado um questionário para as três turmas, com intuito de conhecer a realidade de leitura e escrita dos alunos. Vale ressaltar que as respostas dos alunos foram transcritas tal qual como eles escreveram.

Ao todo foram coletados 75 questionários das turmas, sendo que foram escolhidos aleatoriamente apenas 20 desses como amostra.

Tabela 1. Você tem hábito de ler e escrever fora do ambiente escolar?

Alternativas	Respostas/Alunos
SIM	18
NÃO	02

Fonte: Campos, Sicsú 2017 (Pesquisa de Campo)

Apesar dos dados acima apresentarem que a grande parte tem o hábito de ler fora da escola, há uma contradição com o que foi observado durante o início do ano letivo. No desenvolvimento das primeiras atividades do PIBID foi perceptível a grande dificuldade dos alunos para ler textos simples e essa dificuldade não se delimitou a decodificação das palavras, mas também foi acentuado na própria interpretação. Outra problemática encontrada foi na produção de textos, pois os alunos apresentavam bastante dificuldades para organizar as ideias, na ortografia das palavras e no vocabulário empobrecido. Tudo isso tem relação com a ausência do costume da leitura, pois como já foi dito anteriormente, a leitura constante melhora todas essas habilidades dos alunos.

Um fator que pode ser determinante para o desinteresse na leitura é questão econômica do próprio aluno. Afirma-se isso com base no público que a escola atende, pois é composto de estudantes oriundos de bairros periféricos da cidade. Esses bairros são formados através de ocupações de terras, que geralmente são habitados por famílias carentes, em situação de extrema pobreza. Essa realidade afeta diretamente o comportamento dessas crianças em sala de aula, pois na maioria das vezes a única oportunidade de ter contato com o mundo da leitura é através da escola. Isso torna-se então uma questão cultural, pois o costume de ler pode ser repassado de pais para filhos, mas também a ausência desse costume afeta a vida dos alunos de maneira negativa.

Com base nessas informações, outra pergunta colocada no questionário foi para saber se esses estudantes são incentivados a ler e escrever em casa, pelos seus pais ou responsáveis.

Tabela 2. Seus pais ou responsáveis lhe incentivam a ler ou escrever em casa?

Alternativas	Respostas/Alunos
SIM	17
NÃO	01

Fonte: Campos, Sicsú 2017 (Pesquisa de Campo)

Baseada nas informações repassadas pelos alunos no questionário, conclui-se que mais uma vez as respostas são contraditórias, pois como observado no início das atividades do programa, o ato de ler era restrito ao ambiente escolar. Durante esse período de atividade do PIBID pode ser notado que os pais desses alunos não procuraram a escola e os professores para saber sobre o desempenho de seus filhos em sala de aula. A presença dos pais só era marcada quando solicitados pela direção da escola, ou em reunião bimestrais, sendo que nas reuniões eram poucos os pais ou responsáveis que marcavam presença.

Um detalhe curioso encontrado nos questionários e que não foi incluído na tabela acima, é que dois alunos justificaram sobre a pergunta feita.

Tabela 3. Seus pais ou responsáveis lhe incentivam a ler ou escrever em casa?

Aluno	Resposta
A	Quase sempre
B	Não muito, mas eu faço por conta própria.

Fonte: Campos, Sicsú, 2017 (Pesquisa de Campo)

Na resposta do aluno A é possível perceber que há uma resposta positiva, pois os pais o incentivam vez ou outra. Isso é bom, pois, pouco a pouco pode despertar o interesse constante nesse aluno, e assim com algum tempo ele irá praticar a leitura sem ninguém pedir e sim por vontade própria.

Já a resposta do aluno B apresenta um ponto positivo e outro nem tanto. O negativo é que este é mais um aluno que não recebe incentivo dos pais em casa. Isso é preocupante porque a família deveria ser a primeira instituição a incentivar os filhos a essas práticas e não só incentivar, mas também mostrar exemplos, pois os benefícios da leitura são bons para todos que a praticam. Existem pais que acreditam que a escola é a única responsável pela educação das crianças e se abstraem dessas responsabilidades. Mas o lado positivo dessa resposta desse aluno é que ele reconhece a importância de tal ato e melhor ainda, é a necessidade de ler com autonomia e buscar novos conhecimentos.

Oliveira, afirma que:

É possível assegurar que a leitura - como as demais aprendizagens - é um processo de construção pessoal a partir dos conhecimentos e das experiências de cada aluno, reforçado pelas oportunidades que lhe são oferecidas, como por exemplo, a criação de um espaço dentro da sala de aula que oportunize condições de acesso aos

diferentes portadores de textos, possibilitando uma maior interação entre o aluno e os textos, atividades com leituras orais silenciosas, representações, trocas de idéias entre grupos de alunos, etc. (et al, 2009, p.10)

Sabe-se que a leitura traz muitos benefícios para todos que a praticam, e o ambiente escolar às vezes se torna o único lugar que pode proporcionar isso para crianças e jovens que não tem oportunidade de ler em casa e em outros ambientes. O ser humano necessita comunicar-se para conviver melhor em sociedade e a leitura tem um papel fundamental nisso. Quando uma pessoa lê com frequência, ela pode aumentar sua capacidade crítica e reflexiva, claro que depende também do tipo de leitura praticada. Porém, cada tipo de texto tem uma função. Há textos para entreter, para se informar, para viajar a outros lugares, e para ajudar a entender certas coisas. Mas todos esses de alguma maneira transmitem um novo conhecimento, uma nova ideia, um novo olhar para o mundo e para as pessoas. Tudo isso que a leitura é capaz de fazer, influencia na convivência dos seres humanos e nos ensina a aprender mais de nós mesmos e do lugar onde habitamos, nos ajuda a conhecer o outro e, a entender que não somos totalmente iguais, e que para conviver melhor devemos respeitar o espaço e a opinião alheia.

Uma observação importante feita durante a pesquisa nas três turmas de 9º ano é que tanto os alunos adeptos da leitura quanto os que não eram, gostavam de ouvir quando a professora fazia leitura com eles. Era perceptível que eles gostavam porque todos ficavam quietos e atentos na professora, e quando ela fazia a interação sobre o assunto das obras boa parte dos alunos queria participar, falar do que se tratava a obra, falar suas opiniões a respeito das problemáticas encontrada na história e socializar com todos os colegas. Percebendo todo esse interesse por parte dos alunos, a professora de língua portuguesa adotou essa prática de socialização de leitura conjunta em sala de aula sempre que podia, e os alunos ficavam contentes e animados.

Nas oficinas do PIBID também eram feitas essas atividades de compartilhamento de leitura entre os bolsistas e alunos. Durante as atividades do projeto, eram usados recursos como o retroprojeter, por exemplo, para passar os mais diversos tipos de texto, dessa forma os todos os alunos podiam acompanhar as leituras. Outro recurso usado nas oficinas era a caixa de texto, que circulava entre os alunos com os mais variados tipos de texto, desde o

email, poemas, artigos, receitas e muitos outros. Após um tempo de leitura, alguns alunos se disponibilizavam para socializar e dizer quais os gêneros tinham lido, quais suas características, estrutura e de que assuntos tratavam.



Figura 1. Oficina "Viagem literária". Fonte: Sicsú, 2017.

É válido ressaltar que educadora buscava inovar sempre com seus alunos e adotava técnicas em suas aulas que fugiam à tradicionais de somente usar o livro didático e copiar no quadro. Sempre que possível, reordenava as carteiras na sala de aula para o formato de semicírculos para a exposição de roda de leitura. O interesse dos alunos aumentava ainda mais diante disso, pois era novidade para eles e os jovens gostam de novidades. Dessa forma, a professora ganhava a confiança dos alunos, mas sem deixar de cumprir seu papel principal, que era garantir ensino de qualidade a todos. Lembrando que todas essas atividades tanto da docente quanto dos bolsistas do PIBID eram pautadas pelo plano pedagógico da escola, seguindo os conteúdos previstos para todo o ano letivo.

Durante todo esse período de observação nas atividades do PIBID foi possível perceber que o interesse dos alunos aumentou nas aulas de língua portuguesa. Constata-se isso a partir do maior envolvimento deles nas atividades das oficinas e até mesmo quando passado novos conteúdos. Um dos pontos que mostram o maior interesse dos alunos é a proximidade com os professores bolsistas, pois eles se sentiam à vontade com esses professores e isso facilitava a interação em sala de aula.

3.2 DA LEITURA À PRODUÇÃO DE TEXTO

Trabalhar o texto atualmente é um desafio no ensino básico, tendo em vista que o hábito de ler e escrever não faz parte do cotidiano do aluno. Assim cabe ao professor superar essa e outras barreiras para motivar seus alunos a produzirem. Um dos aspectos que contribuem para esse problema está no fácil acesso que esses jovens têm ao mundo virtual, que envolve as redes sociais e os jogos, que de alguma maneira influencia negativamente no aprendizado dos mesmos.

É um fato que hoje vivemos na era digital e os jovens são os mais envolvidos nisso. Há aspectos muito bons nisso, mas há também as ressalvas sobre esse ponto. Durante as observações feitas desde o começo desta pesquisa, percebeu-se o quanto a linguagem da internet está presente na fala e também na escrita dos alunos. Esse ponto interfere e faz com que esses estudantes não saibam separar as linguagens usadas para conversas informais e a linguagem utilizada em sala de aula, com professores e principalmente na produção de textos dissertativos, por exemplo.

Os PCN dizem que o professor antes de passar uma atividade para seus alunos, deve primeiramente conhecer o contexto em que esse aluno está inserido e quais são seus graus de dificuldades relacionadas à leitura e escrita, para a partir disso produzir e aplicar atividades com base nessas informações, assim começando com atividades de graus menos complexos e de acordo com os avanços ir trabalhando graus cada vez mais difíceis. É importante o professor e a escola saberem quais as dificuldades dos alunos na aprendizagem porque na maioria das vezes as questões econômicas, sociais e culturais implicam nesse processo de ensino, e a família é a base desses alunos. O primeiro incentivo deve partir dos pais em casa, para que quando o aluno chegar à sala de aula não tenha tantas dificuldades, ou pelo menos, se tiver dificuldades que busque melhorar juntamente com seus professores.

Dentro da escola onde se realizou esta pesquisa, desenvolver a prática da escrita foi um grande desafio no começo do ano letivo, sendo que grande parte dos alunos sentia uma dificuldade enorme para escrever. As dificuldades eram tanto para passar as ideias para o papel, como para estruturar um texto com coesão e coerência, fora também a dificuldade na ortografia das palavras que muitas vezes era a mesma usada na internet, cheia de gírias e abreviações.

Percebendo todos esses problemas, a professora juntamente com os bolsistas do projeto de produção textual, utilizaram a leitura como uma ferramenta para chegar até a escrita desses alunos, levando em consideração o que já foi dito anteriormente de que a leitura está totalmente ligada ao ato de escrever.

Sobre a escrita, Guedes fala que:

Escrever é, em primeiro lugar, atividade necessária que precisa ser encarada por qualquer pessoa como uma atividade útil para botar a cabeça no lugar, para organizar as dificuldades de entendimento tanto das questões mais gerais e complexas relativas ao mistério da existência quanto de qualquer questão suficientemente complexa para merecer uma atenção mais minuciosa do que uma conversa de bar pode obter. (2009, p.81)

O autor explicita a importância de escrever, que assim como o ato da leitura, trabalha nas dificuldades encontradas em vários contextos. Quando se fala em colocar a cabeça no lugar, remete à questões como de se situar no meio em que está, que as ações interferem em nossos pensamentos e ideias, e ao passar isso para o papel ajuda na melhor compreensão para o outro. Mais uma vez a questão da interação entre os seres está ligada, pois assim como na leitura, a escrita também é um meio de comunicação, os gêneros textuais estão aí para provar isso.

A escrita é algo que quanto mais se pratica, mais se aprende e se aperfeiçoa. O ato de ler está atrelado a isso por melhorar várias habilidades do ser humano. A principal está relacionada ao vocabulário, pois se há leituras constantes, a pessoa enriquece mais e mais seu vocabulário, oportunizando uma melhor escrita e também uma melhor oralidade. Outro ponto importante também é o mundo de conhecimento que a leitura proporciona porque para se escrever sobre determinado tema é imprescindível que se tenha conhecimento sobre ele.

Baseado nisso, as atividades do PIBID na escola em questão, focaram em incentivar os alunos a terem o hábito da leitura e posteriormente da escrita, para que os mesmos pudessem reverter suas dificuldades e melhorar cada vez mais essas habilidades, preparando-os assim para comunicar-se melhor e exercerem seus papéis na sociedade.



Figura 2. Oficina de leitura. Fonte: Sicsú, 2017.

Uma das atividades realizadas através do projeto era provocar nesses alunos, a curiosidade na leitura para que depois eles entendessem a importância dela nas suas produções textuais. Sempre que apresentado um novo gênero textual, era mostrado vários exemplos, colocado passo a passo a estrutura, quais as características que marcavam o tipo do texto e a partir do entendimento disso tudo eram feitas as oficinas de produção textual.

Um dos pontos mais importantes adotado pela professora responsável das turmas e dos acadêmicos bolsistas era a contextualização dos textos com o universo do aluno. Sempre em sala de aula, buscava-se situar os alunos com as leituras feitas e sala, usando exemplos que fazem parte do contexto. Como nossa região é muito rica culturalmente usava-se isso para exemplificar muitas coisas. As lendas amazônicas apresentadas pelos bumbás na arena do bumbódromo sempre eram citadas nas aulas, e isso captava a atenção dos estudantes, já que todos são conhecedores da maioria das lendas e mitos da região.

Com toda essa contextualização foi muito mais fácil trabalhar a questão da participação dos alunos nas aulas. Foram passadas atividades de produção e criação de histórias a partir do contexto da região. O resultado foi bastante positivo, pois os alunos se sentiram mais à vontade para escrever sobre o que muitas vezes seus pais e avós lhe contaram desde pequenos e que pode ser incrementado cada vez mais com outros detalhes.

Abaixo podemos ver um exemplo de produção de uma lenda.

Certa vez, em uma determinada comunidade chamada Brasília, um pescador cujos seu nome era Erasmo. Ele gostava muito de pescar e toda semana ele vendia peixe na cidade. Até que certo dia ele foi pescar em um lago onde muitos pescadores diziam que havia uma enorme cobra grande. Mas Erasmo não acreditava que naquele local habitava a fera, ele ainda zuava dos seus amigos “você são muito medrosos, não existe cobra grande nenhuma”, e lá se foi Erasmo pescar.

Chegando lá, no determinado local, ele começou pôr suas redes, após terminar de colocar as suas redes, remou em direção a uma árvore onde estava sombra, vendo que a pescaria estava tranquila, resolveu dormi um pouco, quando do nada sentiu sua canoa balançar, pensando que fosse peixe grande ele olhou em voltar de sua canoa, não viu nada e então lembrou do comentário dos seus amigos. Então Erasmo começou a ficar com medo, pegou seu remo e remou e remou em direção a beira do rio quando do nada a cobra bote na canoa de Erasmo e então ela virou naquele intante ele tentou nadar, mas não adiantou porque a cobra o pegou e se enrolou no corpo de Erasmo e começou a o sufoca. Erasmo gritava por socorro mais ninguém o ouvia então, a cobra o engoliu.

Fonte: Campos, Sicsú, 2017 (Pesquisa de Campo)

Deixar o aluno confortável com o tema a ser escrito ajuda muito na realização das atividades. Dentre os gêneros mais trabalhados em sala de aula estavam os as

tipologia dissertativa, e apesar de ainda estarem no Ensino Fundamental, a professora de Língua Portuguesa viu a necessidade deles de aprenderem como construir um tipo de texto tão fundamental nos dias atuais. Sempre que solicitados para produzir um texto dissertativo os educandos tinham a liberdade de poder escolher o tema a ser redigido e fazer também sua delimitação de acordo com o grau de conhecimento desse tema.

Sempre auxiliados pela professora e pelos bolsistas do PIBID, os alunos produziam seus textos dentro de sala, e uma forma encontrada para ensinar melhor foi trabalhar parte por parte do texto dissertativo; primeiramente escolhendo os temas, depois fazendo a delimitação desses temas, a partir disso estabelecendo o objetivo do texto. Depois disso partia-se para a introdução, aí era feita a correção, devolvido para eles, e seguia para a produção de desenvolvimento que era corrigido, e por último a conclusão que passava pelo mesmo processo. Ao final, os alunos juntavam as partes e montavam suas dissertações.

Esse processo de produção de texto foi feito desde o começo do ano, quando as primeiras oficinas foram para ver como era a realidade da escrita desses alunos. A partir das dificuldades encontradas, como dificuldade de usar os sinais de pontuação, o uso frequente de linguagem informal e abreviações, buscaram-se meios de sanar esses problemas, por meio de muitas leituras e muitas práticas de produção de textos. Ao longo do ano as atividades do programa foram ganhando a confiança dos alunos, que cada vez mais se entusiasmavam a participar e aprimorar suas habilidades de leitura e escrita e facilitou também a relação entre alunos e professores.

3.3 A INTERFERÊNCIA DO PIBID NA PRODUÇÃO TEXTUAL DOS ALUNOS DO 9º ANO

O projeto de oficinas de produção textual do PIBID supervisionado pela professora responsável por três turmas de 9º ano do Ensino Fundamental na escola onde esta pesquisa foi realizada, desde início foi muito bem recebido pela direção e corpo docente da instituição. Além de ofertar o projeto para a disciplina de Língua Portuguesa, o PIBID também atende a disciplina de Matemática na escola, no turno matutino.

Os alunos também receberam bem os bolsistas logo de início e ao longo do ano construíram uma boa relação em sala de aula, zelando pelo respeito e pela boa convivência. Como um dos maiores desafios do programa é sanar as dificuldades das escolas públicas de ensino, o PIBID de Língua Portuguesa começou primeiramente a

entender quais as maiores dificuldades daqueles alunos, para assim intervir e buscar a melhoria nessas áreas.

A importância do projeto se dá tanto pelas necessidades dos alunos como também pela aproximação feita entre futuros professores, alunos e ambiente escolar. Dentro dos cursos de licenciaturas há o período de Estágio Supervisionado que apresenta o discente ao seu futuro e possível ambiente de trabalho, porém, o período do estágio é curto e muitas vezes não é possível acompanhar bem o trabalho do docente.

No questionário aplicado aos alunos para saber a opinião deles a respeito do projeto na escola e sua importância, muitas respostas surpreenderam positivamente ao saber quais suas concepções acerca do projeto.

Tabela 4. Antes do desenvolvimento na escola, você sabia o que era o PIBID?

Alternativas	Respostas/Alunos
SIM	09
NÃO	11

Fonte: Campos, Sicsú, 2017 (Pesquisa de Campo)

Nas respostas dos alunos sobre o conhecimento do projeto foi perceptível que parte dos que responderam que conheciam, foram em outras escolas, ou seja, para muitos alunos essa era a primeira vez do projeto dentro dessa instituição de ensino em que foi feita a pesquisa. Observou-se que ao entrarem em contato com os bolsistas do projeto, os alunos gostaram da ideia de ter mais de um professor em sala para ajudar aulas e ao longo do ano letivo a aproximação entre bolsistas e alunos foi grande, ao ponto dos alunos se sentirem seguros quanto ao trabalho desses universitários na escola.

Há ainda a necessidade de implantação de mais projetos dentro dos espaços escolares, pois esses projetos contribuem muito na vida desses alunos. Além de abranger as disciplinas estudadas em sala de aula, os projetos envolvem também questões de saúde, esporte e convívio social.

Outra pergunta feita através do questionário foi para saber qual a opinião dos alunos em relação entre escola e universidade. Entre as 20, foram escolhidas aleatoriamente apenas 3 para ilustrar a tabela.

Tabela 5. Opinião dos alunos sobre parceria entre universidade e escola.

Alunos	Você acha importante esse trabalho em conjunto entre universidade e escola? Por quê?
A	Sim. Porque oque eles sabem eles

	compartilham com nós e o que nós sabemos compartilhamos com eles.
B	Sim, pois os pibidianos da universidade trazem coisas novas para nós alunos.
C	Sim, porque com esse projeto na escola os alunos aprende mais.

Fonte: Campos, Sicsú, 2017 (Pesquisa de Campo)

De acordo com a tabela acima, observa-se que todos os três alunos acreditam que é importante a interação entre universidade e escola. Sendo que as respostas trazem os aspectos positivos que eles consideram acerca dessa parceria. É interessante observar na resposta do aluno A que ressalta a importância da troca de conhecimentos entre professores e alunos, o que remete a ideia de que o professor não é o detentor de todo o conhecimento, mas que ambas as partes tem muito a ensinar um ao outro.

Também foi colocada no questionário uma pergunta que pretende saber dos alunos qual a importância do projeto na disciplina de Língua Portuguesa para eles. Tendo em vista que o intuito do projeto é ajudá-los a melhorar a leitura e a escrita, despertando neles a vontade de praticar tais habilidades.

Tabela 6. Entendimento dos alunos acerca da importância do projeto nas aulas de Língua Portuguesa.

Alunos	Você acha que o projeto do PIBID de Língua Portuguesa é importante? Por quê?
A	Sim, pois assim eles aprendem a lidar com os alunos
B	Sim, porque nos ajudou a ver o mundo da leitura e da escrita.
C	Sim. Porque nos ajudamos eles com o projeto e recebemos ajuda deles em troca, tendo um desempenho melhor.

Fonte: Campos, Sicsú, 2017 (Pesquisa de Campo)

Mais uma vez é perceptível que os alunos acreditam que o projeto é importante não só para eles, mas também para os professores em formação. Na resposta do aluno B observa-se que a importância do projeto para ele se dá pelo incentivo à leitura e escrita. Ambas as respostas são avaliadas positivamente a respeito do projeto para com os alunos.

Uma das questões que mais interessa nessa pesquisa é saber se houve benefícios para os alunos. E se houve, quais foram? Questiona-se isso, pois o projeto trabalha para que haja contribuições para os alunos, para os professores e para a sociedade em geral.

Tabela 7. Opinião dos alunos sobre os benefícios do projeto.

Alunos	Em sua opinião, quais os benefícios que o projeto do PIBID trouxe para você?
A	Me incentivou a ler mais e escrever. E sempre me ajuda em sala de aula.
B	Novos conhecimentos, me ajudou nas minhas dificuldades de leitura, interpretação, e escrita.
C	a desenvolver minha leitura e melhora minha escrita.

Fonte: Sicsú, Campos, 2017 (Pesquisa de campo)

Diante das respostas desses alunos percebe-se que o projeto gerou bons resultados ao longo de seu desenvolvimento. Com isso o objetivo estabelecido que é ajudar os alunos a desenvolverem suas capacidades de leitura e escrita foi alcançado. Agora outro ponto a ser analisado é quais as mudanças positivas foram detectadas na escrita desses estudantes. Para isso, fez-se uma análise comparativa com os textos desses alunos para ver quais os erros eles apresentavam na escrita no começo do ano e se esses erros foram corrigidos, ou amenizados.

Tomando como referência para essa análise, citamos um dos textos produzido por um aluno denominado ficticiamente como Joãozinho. A atividade consistia em fazer um resumo dos capítulos recontados na obra “Sapato de salto” de Lygia Bojunga. A transcrição foi feita exatamente como o aluno escreveu, sem interferências.

Na obra “sapato de salto” conhecemos a Sabrina, ela que foi trabalhar na casa de seu Gonçalves como babá. O nome da esposa de seu Gonçalves era Matilde. Sabrina foi cuidar dos dois filhos do casal, so que com o passar do tempo seu Gonçalves começou a sentir desejos por Sabrina e ele começou a oferecer presentes para a menina. Então ele passou a frequentar o quarto de Sabrina, ela que apenas tinha 11 anos de idade. So que eles pensavam que dona Matilde não sabia, so que uma noite Sabrina viu um vulto passar na porta do quarto.

Um dia a campainha tocou e Sabrina foi atender, uma mulher com o cabelo farto um brinção na orelha, com uma blusa decotada um cinto na altura da cintura de saia e um sapato de salto, ela tinha a cintura bem definida. Ela era a tia Inês e dizia ser tia de Sabrina. Mas eu não tenho família disse Sabrina, você tem sim respondeu tia Inês, tem eu e sua avó Gracinha, eu estou aqui para levar você. Dona Matilde perguntou – você quer ir? E Sabrina respondeu- sim. Então vai arrumar suas trouxas e vá embora. Eu não vou demorar disse Sabrina, pois eu não tenho muita coisa.

Na saída ela foi abraçar dona Matilde e dona Matilde deu um tapa na cara da menina e disse – para você nunca esquecer que eu sei.

Fonte: Campos, Sicsú, 2017 (Pesquisa de Campo)

Foi perceptível que no texto do aluno existiam alguns problemas, como a falta de pontuação, a repetição de algumas palavras que deixaram o texto um pouco confuso e a falta de acentuação de algumas palavras. Outra coisa que também é possível perceber é a falta da síntese no texto. O gênero solicitado foi um resumo, então o aluno

ao escrever foi muito detalhista. Isso mostra a falta de conhecimento das características do texto solicitado.

As mesmas dificuldades apresentadas pelo aluno acima citado, os demais estudantes apresentavam também em seus textos. Os erros mais cometidos eram ortográficos, pois a maioria sempre que podia utilizava linguagem que usa para se comunicar na internet.

Durante as oficinas de produção textual eram sempre enfatizadas as principais características dos tipos de texto, para facilitar aos alunos o reconhecimento quando fossem apresentados a eles e também se falava bastante do uso das gírias na língua falada e escrita. Um assunto também trabalhado com os alunos foi sobre variação linguística, e de como devemos respeitar o jeito do outro de falar. Reforçou-se atenção na ortografia das palavras quando exigidos para redigir um texto e também evitar usar gírias e linguagem coloquial em geral.

As seguir será apresentado o texto de outro aluno que será denominado ficticiamente como Mariazinha. Foi solicitado um texto dissertativo com o tema “Preconceito racial” que foi tirado a partir da obra “Romeu e Julieta” de Ruth Rocha.

O bullying no Brasil

No Brasil o preconceito com as pessoas não tem limites, o Brasil sempre está no topo do índice de Preconceito contra as pessoas, cada ano que passa esse numero sempre aumenta. Muitas pessoas acham que podem ser melhores que outras, mas acabam não percebendo que isso pode causar uma enorme confusão, ou uma grande rivalidade, essas pessoas tem que entender que, mesmo que elas de raças diferentes, o preto, branco, negro, eles também tem as mesmas capacidades de fazer todas as mesmas coisas, e fazer também as mesmas brincadeiras. Na maioria das vezes o bullying sempre começa na escola, na rua, ou até mesmo em casa, uma das formas de acabar com isso e comunicando as autoridades e começando de você.

Fonte: Campos, Sicsú, 2017 (Pesquisa de Campo)

Nota-se no texto acima que ainda há certos desvios cometidos pelos alunos no começo do ano, porém em menor quantidade. Mas é possível perceber que ao escrever um texto dissertativo ele seguiu as características exigidas, como delimitação do tema e adequação para um assunto que dominasse, organização das ideias, e uma possível solução para o problema de que estava falando. Outro ponto positivo notado no texto é quanto à ortografia das palavras. O estudante se preocupou em escrever as palavras corretamente e não fez uso de gírias.

Durante todo o tempo de pesquisa com essas turmas foi possível ver o avanço pouco a pouco dos alunos relacionado à escrita e também à leitura. Sabe-se o quão

difícil é mudar uma realidade como essa de uma hora pra outra, porém, com muito esforço e dedicação pode ser mudado aos poucos.

O objetivo deste projeto que foi analisado nesta pesquisa foi alcançado por apresentar a esses estudantes maneiras de como eles mesmos podem ser construtores do próprio conhecimento através da força de vontade de aprender sempre mais, e que a leitura e a escrita estão ali exatamente para isso, para torná-los seres humanos capazes de se comunicar, expor suas ideias e pensamentos, seja através da fala ou da escrita, mas que sejam capazes de ocupar seu devido lugar na sociedade, conhecendo seus direitos e deveres.

O papel do professor supervisor foi de extrema importância para esta pesquisa, pois foi a partir da observação de suas aulas que foi possível analisar o comportamento dos alunos em sala de aula e também. O bolsista, por sua vez, além de colaborar com as oficinas e intervenções em sala de aula, teve sua importância ao pesquisar e dar notoriedade ao projeto atuante na escola. Por fim, os alunos foram as peças principais para essa pesquisa, através de seus comportamentos dentro da escola e de suas produções foi possível analisar as colaborações do projeto de incentivo à leitura para eles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As escolas públicas de nosso país hoje em dia têm mais oportunidades de receber projetos que contribuem para a formação dos alunos. Dentre esses projetos, o PIBID que é fomentado e desenvolvido pela CAPES entra em parceria com as instituições de ensino superior com o objetivo de sanar as problemáticas encontradas no ensino básico e também contribui para a formação do futuro professor.

Diante disso, é possível reverter alguns números negativos em relação à educação no país. O projeto de oficinas de produção textual do PIBID atua em várias escolas de Parintins, com o intuito maior de incentivar os alunos dessas escolas a terem o hábito frequente de produção textual. Para que isso aconteça, os bolsistas enfatizam a importância da leitura no processo de criação de textos. A partir disso, buscou-se saber se esse projeto tem eficácia dentro das escolas.

O desenvolvimento do presente trabalho possibilitou uma análise de como a leitura contribuiu para melhorar a escrita dos alunos do 9º ano de uma escola da rede pública de Parintins através do projeto de oficinas de produção textual do PIBID. Além disso, também permitiu uma pesquisa de campo para coletar dados que pudessem sustentar a investigação e chegar às conclusões.

Durante o processo de pesquisa, utilizaram-se vários métodos para chegar até a resposta da inquietação do trabalho. O primeiro método foi o da observação do cotidiano dos alunos dentro da sala de aula e de forma geral dentro da escola. Outro método foi a coleta de material produzido pelos alunos durante as aplicações das oficinas de produção de texto. Também fez-se o uso de questionário para ter uma base de questões que vão além do âmbito escolar, como na família e em sociedade.

Ao fazer a pesquisa de campo dentro da escola, tendo como sujeitos da pesquisa alunos de 9º ano, verificou-se que as dificuldades tanto na leitura quanto na escrita deles partia da falta de prática de tais ações. A partir das observações dentro da sala de aula e de todo o cotidiano dos alunos na escola, constatou-se que pouco havia participação dos pais na vida escolar dos estudantes e também pouco incentivo de leitura e escrita em

casa. Outro fator também percebido através da observação foi que na escola em questão não havia outros projetos de incentivo à leitura, além do PIBID.

Averiguou-se também que os alunos gostavam sempre quando eram apresentados os assuntos de forma dinâmica, e demonstrando através de suas ações e muitas vezes até de seus relatos em sala de aula. Percebendo isso, a professora da turma juntamente com os bolsistas do projeto adotou a prática de dinamizar as aulas para passar conteúdo para os estudantes, assim a atenção era prendida e o rendimento aumentou significativamente.

Uma questão bastante interessante encontrada nesta pesquisa é que no começo do ano letivo os alunos de alguma forma sentiam-se acanhados para produzir textos, e fazer leituras na frente dos colegas e dos professores. Eles sabiam de suas dificuldades e tinham medo de errar diante dos seus companheiros de aula e passar vergonha. Percebendo isso, através das atividades do projeto, a professora e os bolsistas trabalharam para melhorar essa questão. O incentivo para ler e escrever dentro e fora da sala era constante, até que pouco a pouco os alunos foram se soltando e interagindo mais nas aulas. Não foi unânime a mudança, sendo que trabalhamos com seres humanos e que cada um em particular tem suas preferências, e isso é respeitado.

Em síntese, a partir das informações coletadas, conclui-se que o incentivo da leitura para a prática de produção de textos através do programa do PIBID contribuiu de forma positiva em vários aspectos, não só na escrita, como também na interpretação de textos dos alunos. Porém, destaca-se aqui a ausência ainda de projetos nas escolas, não só de incentivo a leitura e escrita como também em outras áreas do conhecimento. Esses projetos se fazem necessário nas escolas para que os alunos vejam a educação com um olhar mais dinâmico e espontâneo, não somente ligados ao ensino tradicional na sala de aula.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

CANAN, Silvia. R. PIBID: promoção e valorização da formação docente no âmbito da Política Nacional de Formação de Professores. **Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**. v. 04, n. 06, jul. 2012.

CAMPOS, V.J.C.; ARANHA, M.B.R.; ARAÚJO, F.E.S. Contribuições do Pibid/Letras para a formação e para o ensino de língua portuguesa. **Cadernos do CNLF**, v. 16, n. 04, 2012. Disponível em: < http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_2/151.pdf>. Acesso em: <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br/artigo/download/20130729153635.pdf>> . Acesso em: 21 set. 2017.

CHIAPINNI, Ligia. **Aprender e ensinar com textos**. São Paulo: Cortez, 2004.

GERALDI, João Wanderley. In: **Aprender e ensinar com textos**. São Paulo: Cortez, 2004

GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D.T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUEDES, Paulo Coimbra. **Da redação à produção textual: o ensino da escrita**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde; DIAS, Maria da Graça B. B. **Leitor e leituras: considerações sobre gêneros textuais e construção de sentidos**. *Psicol. Reflex. Crit.*, Dez 2005, vol.18, no.3, p.323-329. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n3/a05v18n3.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2017.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

_____. **O texto e a construção dos sentidos.** São Paulo: Contexto, 2007.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M.A. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCUSHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade.** Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

MONTANDON, Maria Isabel. Políticas públicas para a formação de professores no Brasil: os programas Pibid e Prodocência. **Revista da ABEM.** v. 20, n. 28. Londrina, 2012. Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaABEM/index.php/revistaabem/article/viewFile/103/86>>. Acesso em: 13 set. 2017.

OLIVEIRA, Ângela; BORTOLETTO, Lucélia Aparecida; KINJO, Marina Melgarejo Nunes; BERTOLAZO, Mirian Inácio de Campos. **Leitura na escola: espaço para gostar de ler.** Instituto de Ensino Superior da FUNLEC-IESF, 2009. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/_GT4%20PDF/LEITURA%20NA%20ESCOLA%20ESPA%20C70%20PARA%20GOSTAR%20DE%20LER.pdf>. Acesso em: 01 out. 2017.

OLIVEIRA, Maria do Socorro; TINOCO, Glícia Azevedo; SANTOS, Ivoneide Bezerra de Araújo. **Projetos de letramento e formação de professores de língua materna.** Natal: EDUFRRN, 2014.

PRODANOV, C.C.; FREITAS, E.C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. **Leitura na escola: espaço para gostar de ler.** Porto Alegre: Mediação, 2009.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos e inclusão social.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROSSAFA, Ana Paula Barbosa. **Reflexões sobre a leitura: da importância ao incentivo.** Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/semanadaeducacao/pages/arquivos/anais/2012/anais/projetoseducacionais/reflexoessobrealeitura.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2017.

SABINO, Manuela do Carmo. Importância educacional da leitura e estratégias para a sua promoção. **Revista Iberoamericana de Educación.** 25 de março de 2008. Disponível em: <<http://rieoei.org/jano/2398Sabino.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2017.

SAMPAIO, Maria Claudia Santos. **A importância de trabalhar com projetos no ensino fundamental.** Capivari: CNEC, 2012. Disponível em: <

http://www.cneccapivari.br/libdig/index.php?option=com_rubberdoc&view=doc&id=551&format=raw>. Acesso em: 13 out. 2017.

SANTOS, Carmi Ferraz. et al. **Diversidade textual: os gêneros na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. Disponível em: < http://www.nigufpe.com.br/wp-content/uploads/2012/09/Diversidade_Livro.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SCALABRIN, I. C.; MOLINARI, A.M.C. **A importância das práticas do estágio supervisionado nas licenciaturas**. In: Revista UNAR, 2013. Disponível em: < http://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol7_n1_2013/3_a_importancia_da_pratica_estagio.pdf>. Acesso em: 21 set. 2017.

VALMÓRBIDA, Terezinha. I. V., HACHMANN, Marina da Silva; SITNIEWSKI, Viviane Cristina; AMALCABÚRIO, Débora S. F.; BETIOLLO, Viridiane Laís; MAYER, Jéssica; SEGANFREDO, Vânia; SOBRAL, Wanessa Franco. **Práticas de leitura e escrita no PIBID: uma experiência relevante**. In: Revista Unoesc & Ciência-ACHS, Joaçaba, v.4, n.2, p.215-224, jul./dez. 2013. Disponível em: < https://editora.unoesc.edu.br/index.php/achs/article/download/3653/pdf_9>. Acesso em: 07 out. 2017.

